

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Quatrocentas mães agredidas por filhos

Levantamento feito junto a delegacias aponta que essa é a quantidade de vítimas de agressões neste ano na Grande Vitória

Leone Oliveira

Elas criaram os filhos com carinho e amor. E, agora, em troca de toda a atenção e dedicação, elas são agredidas e ofendidas por eles. Um levantamento de **A Tribuna** apontou que somente neste ano, na Grande Vitória, pelo menos 400 mães foram vítimas de violência por parte de seus filhos ou filhas.

A estimativa foi feita pelas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deam) e Delegacias de Polícia (DP). A titular da Deam de Vila Velha, delegada Aparecida Sfalsini, destacou que recebe, em média, uma denúncia de mãe agredida pelo filho por dia.

Essa também é a média registrada na Deam de Vitória, segundo a responsável pela unidade, delegada Arminda Rodrigues. “Eles agredem, xingam e querem expulsar a mãe de casa”, afirmou a ela.

Como já se passaram 241 dias este ano, a estimativa é de que pelo menos 400 mães tenham procurado essas duas unidades para denunciar os filhos agressores.

A Deam de Viana também é bastante procurada por mães agredidas, mas não possui estimativa de casos. “É um número considerável de pessoas que chegam pedindo ajuda. Quando a mãe chega pedindo ajuda, é porque a situação está desastrosa e ela está no limite, com a vida por um fio”, afirmou a titular

“Eles (filhos) agredem, xingam e querem expulsar a mãe de casa”

Arminda Rodrigues, delegada titular da Deam de Vitória

da unidade, delegada Tânia Zanoli.

Em Cariacica, a titular da Deam, delegada Michelle Meira, disse que também não possui dados, mas informou que as drogas estão entre os motivos das agressões.

“Geralmente, o filho agride a mãe, porque é usuário de drogas ou traficante e não a respeita. Ele acha que é superior a ela e que a mãe não tem poder sobre ele”, explicou.

Já na Serra, a titular da Deam, delegada Suzane Ferreira, informou que há um entendimento da Justiça do município de que esses casos não devem ser enquadrados na Lei Maria da Penha e devem ser encaminhado às DPs.

Segundo o titular da DP de Jacaraípe, delegado Leonardo Ávila, os casos são registrados como lesão corporal leve ou ameaça. “Há muita subnotificação. A mulher está sendo agredida, mas não denuncia para não prejudicar o filho”, disse.

A equipe da DP de Novo Horizonte informou que, por mês, são mais de três casos de mães agredidas por filhos registrados.

Desaprovação de relacionamentos

Os motivos alegados pelos filhos para agredir as mães não ficam restritos ao uso de drogas. O fato de elas não aprovarem relacionamentos amorosos também leva à violência doméstica.

A titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Vitória, delegada Arminda Rodrigues, destacou que se tornou mais comum registrar casos de filhas agredindo as mães.

“A mulher já tem um filho, deixa ele para a mãe cuidar e quer colocar o companheiro dentro de casa. A mãe não aceita esse relacionamento, que muitas vezes não é sério”.

A titular da Deam de Vila Velha, delegada Aparecida Sfalsini, contou que há casos de mães agredidas pelas filhas por tentar proteger os netos. “Tivemos casos em que a avó foi à Justiça para requerer a guarda da criança, porque o neto estava em

situação de maus-tratos”.

A psicóloga e terapeuta familiar Adriana Salezze frisou que é importante que se atentem aos valores dentro da família.

“É voltar com o respeito dentro de casa, aprender a lidar com a autoridade. Tem gente que deixa para cuidar disso na adolescência quando as características principais de personalidade do filho já estão estabelecidas”, observou.

Pedidos de medidas protetivas

As agressões fazem com que algumas mães procurem a delegacia para solicitar medidas protetivas contra seus filhos, como afirma a coordenadora de Enfrentamento à

Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Estado (TJ-ES), juíza Hermínia Azoury.

“São comuns os pedidos de medidas protetivas de mães contra fi-

lhos”, afirmou a magistrada.

Mas, segundo a titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Vitória, delegada Arminda Rodrigues, há casos em que a mãe volta atrás e acolhe o filho novamente em casa.

“Temos casos de mães que já fizemos pedido da medida protetiva, em que o filho foi preso e depois que ele saiu não tinha para onde ir. O filho ficava na porta dela. Mas a mãe quer ajudar e o coloca para dentro de casa. Ele acaba agredindo de novo e ela volta a denunciar”, disse.

Segundo as delegadas ouvidas pela reportagem, os agressores têm entre 18 e 36 anos e, muitos deles, se separaram de seus companheiros e voltaram a morar com a mãe. Já as vítimas têm entre 40 e 55 anos e muitas criaram os filhos sozinhas, pois são separadas.



ARMINDA RODRIGUES diz que há filho querendo expulsar mãe de casa

RAIO X

Agressões acontecem em casa

Vítimas

- > **AS MÃES** agredidas têm entre 40 e 55 anos.
- > **MUITAS DAS VÍTIMAS** são separadas e criaram os filhos sozinhas.
- > **EM ALGUNS CASOS**, essas mulheres também foram vítimas de violência por parte dos maridos.

Agressores

- > **SÃO HOMENS E MULHERES** com faixa etária de 18 aos 36 anos.
- > **GERALMENTE**, são usuários de drogas ilícitas e fazem uso abusivo de bebidas alcoólicas.
- > **NO CASO DOS HOMENS**, alguns deles se separaram da mulher e voltaram a morar com mãe.

Agressões

- > **A VIOLÊNCIA SOFRIDA** por essas mães é psicológica, verbal e também física, com socos, chutes e empurrões. Essas agressões acontecem

dentro da casa onde mora a família.

- > **O MOTIVO** mais comum para as agressões é o vício do filho em drogas. O agressor quer que a mãe dê dinheiro para ele comprar o entorpecente, mas ela não quer dar o dinheiro.
- > **OUTRA MOTIVAÇÃO** são os conflitos familiares por conta de relacionamentos que a mãe não aceita que os filhos tenham. Essa motivação é mais comum nos casos das filhas, segundo as delegadas ouvidas.
- > **NOS CASOS** em que a vítima já é avó, as agressões também ocorrem quando ela tenta proteger os netos. Ao perceber que a filha não está em condições de cuidar dos filhos dela ou os deixa em situação de maus-tratos, a vítima tenta cuidar de seus netos, mas é agredida pela filha que não aceita.

Fonte: Titulares das Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher (Deam) ouvidas

FÁBIO NUNES - 28/05/2015



JOVENS NA PRISÃO: agressores de mães têm entre 18 e 36 anos, segundo levantamento feito pelas titulares das Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher



A JUÍZA HERMÍNIA AZOURY diz que mães fazem pedidos nas delegacias

LEONE IGLESIAS - 12/08/2014

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

“Tomem coragem e denunciem”

Agressões verbais, físicas e ameaças. Por oito anos essa foi a rotina de uma vendedora ambulante, de 53 anos, com o filho, usuário de crack. Por conta da violência, ela chegou a sair de casa e dormir na areia da praia.

Durante 10 anos, tempo em que o filho foi usuário de crack, ela lutou e o internou 10 vezes. Entretanto, a batalha para as drogas foi perdida no dia 13 de julho, quando o filho, então com 29 anos, foi assassinado por traficantes. “Cheguei ao ponto de pedir para prender meu filho”, revelou ela.

A TRIBUNA – Como era seu filho antes das drogas?

VENDEDORA AMBULANTE – Até os 19 anos de idade, antes das drogas, ele era um filho obediente, ia para escola, trabalhava comigo. A gente sempre teve uma relação um tanto quanto difícil, mas era uma relação maleável. Conseguía-

“Não tenho vergonha em dizer que cheguei ao ponto de pedir para prender meu filho”

Vendedora ambulante, 53 anos

mos nos relacionar e ele obedecia.

> O que mudou depois que ele começou a usar drogas?

Perdi meu filho depois que ele conheceu o crack, infelizmente. Ele se tornou outro ser humano. Um ser humano arredio, com dificuldade de aceitar carinhos e conselhos.

> Quando era agredida?

Quando ele queria dinheiro para usar drogas e eu resistia em não dar, porque às vezes eu não tinha. Ele me agredia, eu tinha que me virar e arrumar o dinheiro para ele poder sustentar o vício dele.

Sabia que se desse o dinheiro, estaria o incentivando a continuar no vício. Mas a gente é mãe. Vem o pensamento que, se não der, ele vai fazer dívida na boca de fumo e vou perdê-lo para o traficante.

> Como eram as agressões?

Eram mais agressões psicológicas. Ele ameaçava pegar minha mercadoria para vender. Agora, no final, que ele me agredia com empurrões e chutes. Cheguei a sair de casa. Os últimos quatro meses eu fiquei na praia, a ponto de dormir na areia, porque quando eu ficava em casa, ele queria dinheiro.

> Chegou a interná-lo?

Foram 10 internações. Eu não tenho vergonha em dizer que cheguei ao ponto de pedir para pren-



VENDEDORA AMBULANTE, cujo filho morreu neste ano, chegou a dormir na areia da praia para se proteger

der meu filho, porque as coisas acabavam dentro de casa e ele ia para rua pegar as coisas de alguém.

> Conseguiu prendê-lo?

Uma vez, por meio da medida protetiva. Ele havia me agredido, na época. Era para ele ficar preso quatro meses, mas ficou um ano e

quatro meses. Nesse período, eu agradeço a Deus, porque ele estava “guardado”. Para mim, ele não estava preso, ele estava guardado. Eu sabia que ele estava vivo.

> O que diria para as mães que passam por essa situação?

Tomem coragem e denunciem.

O dependente químico precisa entender que ele é um doente, mas isso não dá o direito de ele maltratar as pessoas que ele mais ama. A gente não quer ver o filho preso, mas é melhor vê-lo preso do que morto. Parece uma coisa monstruosa, mas é uma forma de amor.

CASOS DE AGRESSÕES

Agredida pelo filho usuário de drogas

Em Vila Velha, uma mãe, de 56 anos, denunciou o filho, 34, este ano, por conta de agressões e ameaças feitas por ele, que é usuário de drogas.

A Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) do município investiga o caso.

Não deixou namorada do filho ficar em casa

Em junho deste ano, uma dona de casa, de 42 anos, de Marcílio de Noronha, Viana, procurou a polícia depois que o filho, 18, ameaçou dar um soco nela.

Segundo ela, as ameaças aconteceram depois que ela não permitiu que a namorada do filho ficasse alguns dias na casa onde eles moram. O acusado ainda quebrou objetos dentro de casa.

Xingamentos perto de criança pequena

Uma dona de casa, de 55 anos, do bairro Universal, Viana, solicitou medida protetiva contra o filho, 31, mas eles continuaram morando na mesma casa enquanto a medida não era expedida.

Um dia, ela acabou xingada pelo filho perto de uma criança.

Filha tenta queimar a mãe viva por dinheiro

Uma dona de casa quase foi queimada viva pela filha e pelo namorado dela, em 1º de janeiro de 2015, em Jardim América, Cariacica, por causa da pensão que a vítima recebia.

Segundo a polícia, a filha chegou em casa embriagada, jogou álcool no corpo da mãe e só não ateou fogo porque vizinhos invadiram a casa e a salvaram.

ONDE DENUNCIAR

ADEMIR RIBEIRO – 04/01/2016



PLANTÃO Especializado da Mulher

Delegacias

> MÃES agredidas pelos filhos na Grande Vitória podem procurar a Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam) em Cariacica, na avenida Expedito Garcia, Campo Grande; em Vitória, na rua Portinari, em Santa Luzia; em Vila Velha, na av. Luciano das Neves, Prainha; e em Viana, na av. Desembargador Levino Chacon, Viana Sede, no mesmo prédio da Delegacia de Polícia (DP) do município.

> CASO a Deam esteja fechada, a vítima deve seguir ao Plantão Especializado da Mulher (PEM), na Ilha de Santa Maria, em Vitória, que funciona 24 horas.

> NA SERRA, o atendimento é feito nas Delegacias de Polícia (DP), localizadas em Serra-Sede, na rua dos Estudantes; em Novo Horizonte, na av. Brasil; em André Carloni na rua B, e em Jacaraípe, na av. Abdo Saad.

> SE A MULHER estiver se sentindo ameaçada, pode solicitar medida protetiva de urgência para que o agressor fique longe dela.

> CASO A MULHER não tenha para onde ir, pode solicitar vaga em uma das Casas de Abrigo da Grande Vitória.

Tentativas de internações

As titulares das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deam) contam que, muitas vezes, as mães vão até a delegacia para buscar ajuda para o filho.

Contudo, a titular da Deam de Vitória, delegada Arminda Rodrigues, disse que na delegacia é feita a parte criminal. “A gente orienta a mãe a buscar outros caminhos para tratar o alcoolismo e a dependência de droga do filho. Procurar um defensor para requerer a internação compulsória (sem a vontade do paciente)”, contou ela.

A titular da Deam de Vila Velha, delegada Aparecida Salsini, explicou esse acaba sendo o caminho para muitas das mães. “Esse é o meio que a gente tem para tentar recuperar essa pessoa, mas não é fácil, não, porque depende da vontade do usuário também”, frisou.

Segundo o coordenador Cível da Defensoria Pública, defensor Fábio Ribeiro Bittencourt, o órgão solici-

tou 1.005 internações desse tipo no ano passado, parte delas a pedido de mães agredidas pelos filhos.

“Isso deve ser uma exceção à regra, porque representa tirar a liberdade. Trabalhamos para que a pessoa passe pelo atendimento ambulatorial, porque estudos comprovam que o paciente, quando é internado compulsoriamente e volta à sociedade, volta ao vício”, disse.



FÁBIO BITTENCOURT: pedidos

Medo impede denúncias

A responsável pela Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Viana, delegada Tânia Zanoli, enumera o medo como o líder do ranking de fatores que impedem as mães de denunciar as agressões dos filhos.

“Elas dizem que, se fizerem isso, os filhos vão matá-las”, revelou a delegada.

Uma policial civil da Serra, que pediu para não ser identificada, informou que muitas das denúncias nas delegacias são feitas por outros parentes ou vizinhos da vítima.

“A mãe chega à delegacia acompanhada de outro filho, porque a família decidiu denunciar por não aguentar mais essa situação. Há casos em que o irmão vem denunciar o outro por agressão e ele relata que a mãe também já foi agredida”, explicou a policial civil.

Tânia ainda aponta o fato de a mãe querer proteger o filho como motivo para não representar con-



DELEGADA Tânia Zanoli: impunidade

tra ele criminalmente.

“Eu tive um caso no qual a mãe colocava o filho na cadeia e ela mesmo pagava a fiança dele ou advogado para tirá-lo da prisão. Ela tirava o filho e ele voltava ao crime”, revelou a delegada.

E completou: “A sensação de impunidade leva o agressor à reincidência da prática criminosa”.